

## Ser Pedagogo sob a ótica dos estudantes em processo formativo

Priscilla Amorin Nazareth Dias<sup>1</sup>  
Vânia Machado Seabra Puglia<sup>2</sup>  
Teresa Claudina de Oliveira Cunha<sup>3</sup>

### RESUMO

Esse estudo tem como objetivo apresentar o como se constituem as representações sociais do ser pedagogo na perspectiva dos estudantes em processo formativo, matriculados nas Instituições de Ensino Superior de um município do Norte Fluminense do Estado do Rio de Janeiro, na perspectiva daquilo que é pensado, sentido e representado sobre o motivo da escolha da carreira profissional. A pesquisa teve um enfoque quali quanti. Participaram da pesquisa 325 estudantes, matriculados entre o período de 2018 e 2019 (primeiro semestre). deverá ser utilizado no formulário de submissão do trabalho no ato da submissão. Utilizou-se para a coleta de dados a plataforma de questionários online SurveyMonkey, assim como visitas as IES. Os resultados da pesquisa indicaram quatro categorias que envolvem as representações do por que ser pedagogo, que são: “realização pessoal e profissional”, “transformação social”, “aperfeiçoamento” e “empregabilidade”.

**Palavras-chave:** Formação Profissional, Pedagogia, Representação Social.

### INTRODUÇÃO

A atualidade conduz a olhar mais longe a complexidade dos problemas tanto em nível nacional como internacional, a primazia cultural, as aspirações à individualização, a exigência a uma certa solidariedade, os imperativos éticos, a revolução tecnológica e comunicacional, combinadas com a obsessão pela eficácia, pelo desempenho, pela produtividade, pelo rendimento em curto prazo.

Há uma notável mutação na sensibilidade, nas práticas e nas formações discursivas que distingue um conjunto pós-moderno de pressupostos, experiências e proposições de um período precedente. Têm-se novas possibilidades de informação e de produção, análise e transferência de conhecimento. Tem-se uma nova “ordem”, caracterizada pelo transitório, o fugidio, o contingente, a fluidez, relações de poder que tornam possíveis extrair e constituir conhecimento.

Dotta (2006, p. 17) afirma que

as representações sociais funcionam como reprodutoras, mas essa reprodução envolve um remanejamento de estruturas, remodelação de elementos, reconstrução dos dados considerando o contexto de valores, das regras e noções. Finalmente, ela reproduz e

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia dos Institutos Superiores de Ensino do CENSA - ISECENSA, [priamorimn@hotmail.com](mailto:priamorimn@hotmail.com);

<sup>2</sup> Mestre do Curso de Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, [vpuglia@gmail.com](mailto:vpuglia@gmail.com);

<sup>3</sup> Mestre do Curso de Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, [trcocunha@gmail.com](mailto:trcocunha@gmail.com).

determina comportamentos, definindo simultaneamente a natureza dos estímulos que cercam e provocam os indivíduos, e o significado das respostas a serem dadas.

Desta forma, as representações sociais, apresentam-se como um método de interpretação que conduzem as relações dos indivíduos com a sociedade e com os outros, guiam e organizam as condutas e comunicações sociais. Influenciam em processos diversos, tais como a comunicação e apropriação dos conhecimentos, a sentido de identidades pessoais e coletivas, a expressão dos grupos e as mudanças sociais.

Moscovici (1978 apud DOTTA, 2006, p. 17) afirma que

toda a representação é composta de figuras e de expressões socializadas. De forma conjunta, uma representação social é a organização de imagens e linguagem, por que ela realça e simboliza atos e situações que se tornam comuns. [...] as representações possuem papel de modelar o que é dado do exterior, mediante a relação entre indivíduos e grupos com objetos, sendo os atos e situações constituídos por interações sociais.

O conceito de representação social tem origem em Emile Durkheim como representações coletivas, que na busca em estabelecer a sociologia enquanto ciência, defende a separação entre representações individuais e coletivas. Segundo Gerard Duveen (2015, p. 15-16), “Durkheim vê as representações coletivas como formas estáveis de compreensão coletiva, com o poder de obrigar que pode servir para integrar a sociedade como um todo”, enquanto Moscovici (1990), tinha o interesse em “explorar a variação e a diversidade das ideias coletivas nas sociedades modernas”.

A própria diversidade reflete a falta de homogeneidade dentro das sociedades modernas, em que as diferenças refletem uma distribuição desigualdade de poder e geram uma heterogeneidade de representações. Dentro de qualquer cultura há pontos de tensão, mesmo de fratura, e é ao redor desses pontos de clivagem no sistema de representações duma cultura que novas representações emergem.

É por meio das relações que se mantém com o outro, pelo jogo de identificações – introspecção, projeção, transferência, etc. que se vê seu desejo e sua existência reconhecidos ou não. Segundo Freud, o outro é ao mesmo tempo um modelo, uma sustentação, ou um adversário. A constituição de todo ser humano enquanto sujeito passa por esta relação poliforme com o outro (CHANLAT, 1996).

É agora um lugar-comum dizer que a época moderna fez surgir uma forma nova e decisiva de individualismo, no centro da qual se erigiu uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade. As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas.

Segundo Moscovici (1978 apud DOTTA, 2006, p. 13),

saber por que uma representação é produzida seria mais instrutivo, ou seja, enfatizar a função permite uma melhor apreensão do sentido do qualificativo social uma vez que a representação contribui exclusivamente para os processo de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais.

Para Denise Jodelet (1989 *apud* NASCIMENTO *et al*, 2017, p. 18) as representações sociais implicam

uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, que tem uma dimensão prática e que concorrer para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo e natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Ela é tida como um objeto de estudo legítimo devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais.

Subjetividade profundamente contextual, ou seja, somos sensíveis ao contexto, as ações dependem do contexto; tem-se a ideia de múltiplos EU'S; não se é tão constante como se pensava. É nesse cotidiano, espaço de prática profissional, que se deve buscar, perseguir o referencial de ação nas complexas relações sociais. Este exige permanentes redefinições, respostas frente às mudanças, demandas sociais que se apresentam.

Tem-se, desta forma, a proposta de que a análise dos discursos não se encerra na análise interna dos textos, mas sim na medida em que envolvem o todo, reconhecendo que um discurso, qualquer que seja ele, tudo se liga e se comanda – estrutura política e social, a economia, as crenças e valores, o amplo mundo das representações sociais, das relações e identidades sociais, o mundo das aparências, o mundo da produção, circulação e de consumo dos sentidos de bens culturais que se fazem presentes.

Para a pedagoga Leanete Dotta (2006, p. 17):

As representações sociais funcionam como reprodutoras, mas essa reprodução envolve um remanejamento de estruturas, remodelação de elementos, reconstrução dos dados considerando o contexto de valores, das regras e noções. (...) produz e determina comportamentos, definindo simultaneamente a natureza dos estímulos que cercam e provocam os indivíduos, e o significado das respostas a serem dadas. (...) A representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos.

Na esteira desse pensamento, Jodelet (2001) afirma que as representações sociais orientam os indivíduos na maneira de nomear e definir os diferentes aspectos da realidade, assim como de interpretar esses aspectos e tomar decisões entre eles. Para a autora, a realidade dos objetos, pessoas, fatos ou conceitos é compartilhado entre eles, sendo, portanto, de fundamental relevância na vida cotidiana.

Fundamentados nas teorias de Moscovici (1978) e de Jodelet (1989), Nascimento, Rodrigues e Anjos (2017, p. 17), afirmam que estudantes constroem

realidades no processo de mediação de relações sociais e individuais, processo elaborado não como um reflexo da realidade externa, mas como construção mental de um determinado objeto decorrente de sua atividade simbólica no contexto do sistema social mais amplo.

Desvendar a dimensão cultural existente, as diversidades internas e particularidades dos sujeitos/atores, torna-se fundamental para compreender conflitos e resistências que permeiam as relações, bem como para empreender uma prática que corporifique uma visão prospectiva. Esta tomada de posição em relação às dimensões do indivíduo exige a adoção de um modo de pensar interdisciplinar que coloque em estreita relação as diferentes perspectivas e que manifeste igualmente o interesse por detalhes e por aspectos concretos de cada situação.

Segundo Duveem (2015, p. 21), “as representações são sempre um produto da interação e comunicação e elas tomam sua forma e configuração específicas a qualquer momento, como uma consequência do equilíbrio específico desses processos de influência social”.

A compreensão da questão decorre dos vínculos que o estudante mantém com a carreira profissional, sua identidade social, as expectativas que possui em relação ao futuro profissional. Segundo Moscovici (1978 *apud* DOTTA, 2006, p. 17), a linguagem está repleta de palavras, “de figuras e de expressões socializadas. De forma conjunta, uma representação social é a organização de imagens e linguagem, porque ela realça e simboliza atos e situações que se tornam comum”.

Segundo Dotta (2006, p. 25) o estudo das representações sociais contribui para uma abordagem do cotidiano individual e coletivo, uma vez que envolvem o sentimento de pertencimento “dos indivíduos com as implicações afetivas e normativas, com as interiorizações de experiências, práticas, modelos de condutas e pensamentos, que são socialmente transmitidos pela comunicação social, que a elas estão ligadas”.

## **METODOLOGIA**

O estudo foi de natureza quali quanti, pois envolveu “um processo de coleta, análise e vínculo de dados quantitativos e qualitativos em um mesmo estudo” (HERNÁNDEZ SAMPIEIRI, 2013, p. 548).

O processo de investigação, com um enfoque exploratório, descritivo e interpretativo, teve início com a questão: compreender o processo de identificação do pedagogo segundo os

estudantes em formação. Para tanto, inicialmente, reuniu-se os instrumentos teóricos que permitiram orientar a pesquisa para obtenção dos resultados desejados.

O campo observação e análise constituiu-se de estudantes matriculados nos cursos de Pedagogia oferecidos no município situado na região norte-fluminense do Estado do Rio de Janeiro. Com relação ao critério temporal, a pesquisa foi realizada junto aos estudantes matriculados no Curso de Pedagogia nos anos de 2018 (2º semestre) e 2019 (1º semestre).

A população pesquisada compreendeu o N = 831 estudantes matriculados. A Tabela 1 apresenta a distribuição dos estudantes por IES.

Tabela 1: Distribuição dos estudantes matriculados, por IES

IES	Nº de matriculados
Instituição “X”	573
Instituição “Y”	109
Instituição “Z”	149

Fonte: Coordenações dos Cursos das IES, 2019.

Buscando conhecer o percentual que deveria ser pesquisado e que fornecesse maior representatividade, utilizou-se o dimensionamento da amostra apresentado por Barbetta (2010). Considerando a população N = **831 elementos**, trabalhou-se com um margem de **erro** de **5%** (0,05), com um **nível de significância** de **5%** e um **desvio padrão** (*desconhecido*) de **0,50**. Identificou-se, conforme cálculo a seguir, o tamanho da amostra para que as medidas calculadas com base na distribuição fossem mais representativas.

$$\text{Sendo: } n = \left( \frac{z \cdot s(x)}{e} \right)^2 \text{ e } n^* = \frac{n}{1 + \frac{n}{N}}$$

$$N = 831 \text{ elementos}$$

$$E = 0,05$$

$$1 - \alpha = 95\%$$

$$s(x) = 0,5$$

Tem-se que:

$$n = \left( \frac{1,96 \times 0,5}{0,05} \right)^2 \Rightarrow n = 384,15$$

### Tamanho da amostra

$n = 384,15 / 1 + (384,15/831) \Rightarrow n^* = 384,15 / 1,462274 \Rightarrow n^* = 262,70726 (\cong 263 \text{ elementos})$   
 $\rightarrow n = 263 \text{ elementos}$  (será suficiente para que os 831 elementos sejam bem representados a um nível de confiança de 95% trabalhando com o erro amostral de 5%).

De posse da referência para o tamanho da amostra, 263 estudantes, decidiu-se para a produção de dados a utilização de um único instrumento: o questionário (contendo perguntas fechadas, abertas e de múltiplas escolhas). Para a coleta de dados utilizou-se de duas estratégias: aplicação de questionários em sala de aula e por meio da plataforma de questionários *online SurveyMonkey*, cadastrado no endereço eletrônico <https://pt.surveymonkey.com/r/XWJC7TF>. A opção por esse instrumento de coleta de dados justifica-se pelo tamanho da amostra.

O desenho amostral da pesquisa obteve a participação de 325 estudantes, distribuídos entre as três IES. O município possui mais três instituições que ofertam o curso, no entanto ao serem contactadas, duas delas não estavam ofertando vagas no período da pesquisa e a outra não disponibilizou espaço para a realização da investigação.

Toda a organização e produção dos dados coletados partiu, portanto, das informações fornecidas pelos 325 estudantes participantes da pesquisa. Como critérios de inclusão dos estudantes, partiu-se da adesão espontânea e do fator matrícula regular no curso.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Participaram da pesquisa 325 estudantes, sendo 94% (N=307) do sexo feminino e 6% (N=18) do sexo masculino. Com relação a faixa etária, o estudo revela que 40% (N=128) dos respondentes possuem entre 19 a 22 anos de idade, 18% (N=58) de 23 a 26 anos, 27% (N=78) possuem acima de 26 anos e 15% (N=47) possuem entre 16 a 18 anos de idade.

O estudo buscou também identificar o fator ocupação profissional. A Figura 1, mostra que 63% (N=205) dos estudantes possuem vínculo profissional e 37% (N=118) não. Somente dois estudantes não responderam à pergunta.



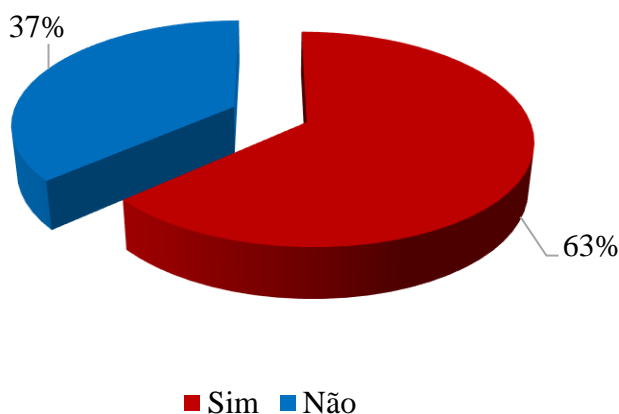


Figura 1: Distribuição dos estudantes, por vínculo profissional

A pesquisa revelou ainda que dos 205 estudantes que possuem vínculo empregatício, 67% (N=136) trabalham na área em que buscam formação. Sendo que 80 estudantes atuam em instituições privadas de ensino e 36 em instituições públicas.

### Por que Ser Pedagogo?

Por meio de fragmentos das falas dos estudantes, apresentar-se-á o *por que ser pedagogo*, para tanto, agrupou-se as respostas segundo a frequência/equivalência, a partir de características comuns, por meio das seguintes categorias temáticas.

A própria palavra categoria diz respeito a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si. Formar categorias a partir dos relatos dos agentes sociais envolvidos na pesquisa, implica em agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso (GOMES, 2003 *apud* MELO, 2016, p. 28).

Segundo Dotta (2006, p. 1) o que se busca com a categorização “é apresentar, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos”.

Para Baccega (1998, p. 85) o núcleo da questão linguagem não se apresenta na produção individual manifestada nos atos da fala, mas sim no processo de produção do sistema de regras e convenções que preside essa produção individual; em outras palavras, o contexto histórico-social desse processo. A linguagem é, portanto, interação, um modo de ação social. É, por isto também, lugar de conflito, de confronto ideológico onde a significação se apresenta em toda a sua complexidade.

[...] Por isso, ainda que se levem em consideração os atos de fala isolados, nos quais, na verdade, se configuram as criações, não se pode perder de vista, (...), que também esses “atos de fala” têm um caráter social. (...) A escolha de uma ou outra enunciação concreta é sempre determinada pelas relações sociais.

De maneira sintetizada, pode-se apresentar as representações sociais *do por que ser pedagogo* da seguinte forma: realização pessoal e profissional, transformação social, aperfeiçoamento profissional e empregabilidade. As categorias foram formadas a partir de um princípio idêntico de classificação do tema.

Tabela 1: Distribuição dos estudantes, por categoria de representação social

Categorias	Nº de respondentes
Transformação social	105
Realização pessoal e profissional	109
Aperfeiçoamento	46
Empregabilidade	58
Não soube opinar	6
Não respondeu	1

Fonte: Elaboração própria, pesquisa de campo.

### Transformação Social

Apresentar-se-á, neste primeiro agrupamento de respostas, os depoimentos mais expressivos que permitiram a percepção de que, o *ser pedagogo* envolve a possibilidade de participar da transformação da sociedade, da vida e do comportamento do indivíduo.

“Porque acredito no poder de mudança social que a educação pode gerar”.  
“Pois acredito na educação como uma ferramenta de esclarecimento”.  
“Quero ser pedagogo pois acredito que a educação é um dos melhores caminhos para a construção de uma sociedade justa”.  
“O pedagogo é aquele que atua em várias instâncias da prática educativa, portanto tem um papel primordial para a sociedade. (...) Quero ser pedagogia para participar, contribuir para a vida de alguém, seja ela criança, jovem ou adulto”.  
“[...] Acredito na educação e que é possível fazer a diferença levando aos outros uma aprendizagem que seja significativa”.  
“Quero mostrar aos meus alunos o quão incrível é a vida e a dimensão de possibilidades a que estão dispostas”.  
“Pela vontade de exercer o papel de fazer com que o outro perceba a si e o outro como ser político social”.

Para Paulo Freire (2003, p. 51) “o trabalhador social que opta pela mudança não teme a liberdade, não prescreve, não manipula, não foge da comunicação, pelo contrário, a procura e vive”. Ressalta que educar implica necessariamente libertar pela conscientização, e não pela domesticação e acomodação. Nesse ponto, é possível inferir o papel importante do pedagogo na medida em que pode contribuir para a identificação de situações-problema de “natureza socioculturais e educacionais com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades



complexas, com vistas a contribuir para superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras” (BRASIL, 2006).

A categoria “transformação social” está integrada a uma prática profissional que esteja voltada para “o exercício da cidadania e a elaboração desse conjunto de saberes necessários para a formação dos alunos” (NASCIMENTO; VIEIRA, KIMURA, 2017, p. 14). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996), confirma essa questão quando determina a tríplice finalidade da educação: o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para a cidadania e sua qualificação para o trabalho.

### **Realização pessoal e profissional**

A segunda categoria identificada por meios dos dados empíricos diz respeito ao fator realização/satisfação pessoal e profissional.

“Porque é um sonho, amor ao aprendizado”.

“Porque ensinar sempre foi meu sonho é realização profissional”

“Porque eu amo o que faço: estar com as crianças e lecionando. Saber que eu faço parte do conhecimento de cada uma delas, me deixa muito feliz. Busco sempre desenvolver um trabalho de educação com qualidade”.

“É uma profissão na qual sempre me vi atuando, me identifico com a área. O Curso surgiu como uma forma de mudar a vida”.

“Ser uma pedagoga será um sonho a se realizar, pois na minha infância tive uma professora que foi meu referencial para a vida, e quando eu estiver atuando como professora quero também ser vista como referência para meus alunos”.

Para Neves e Moraes (2017, p. 33) a identidade profissional “possui um significado social, construído em sua própria história de vida, atribuindo sentidos e significados”. Day (2004 *apud* NOGUEIRA, 2013, p. 26) afirma que profissionais da educação acolhem a paixão pela educação na medida em que compreendem que ensinar “não é unicamente um compromisso com o intelectual e emocional para com os outros – quer sejam alunos, colegas de trabalho ou pais -,” mas também com o seu *eu* por meio de um repensar e de uma renovação sistemática dos seus fins e das suas práticas.

Segundo Brandão (2000, p. 89), o discurso não é uma grande frase num aglomerado de frases, mas um todo de significação. Segundo ele, o discurso, se considerado como totalidade, é constituído pela enunciação, ou seja, “emissão de um conjunto de signos que é produto da interação de indivíduos socialmente organizados. A enunciação se dá num aqui e agora, jamais se repetindo. Ela se marca pela singularidade”. Será então definido como um processo semiótico e, por conseguinte, englobará os fatos – relações, unidade, operações, etc. A análise de discursos busca uma leitura especial da realidade, que pode ser objetiva, mas estará sempre

relacionada a uma determinada visão de mundo, do sentido. Assim, uma análise é uma tarefa complexa, difícil e exige não somente um conhecimento detalhado de todos os elementos julgados importantes e disponíveis de uma situação determinada, mas também compreender, perceber, descobrir sentidos, relações e tendências a partir dos dados e das informações.

### **Aperfeiçoamento profissional**

- “Devido a minha atuação na rede pública na área de educação”.
- “Para aprimorar a minha formação de magistério”.
- “Porque pretendo me especializar na área em que já atuo. Melhorar minha prática e ampliar meus conhecimentos”.
- “Em busca de conhecimento para a realização de um trabalho de qualidade”.
- “Já sou professora e quero me especializar nesta área”.
- “Oportunidade de crescimento”.
- “Entrei no curso buscando aperfeiçoar meus conhecimentos, na área que já atuava. Acredito que como pedagogo posso aprender mais e participar de uma outra área da educação”.
- “Para ampliar possibilidades, estratégias e conhecimento e, assim, oferecer um ensino com qualidade”.
- “Compatibilidade com a área da infância e juventude na qual já atuo profissionalmente e realizo pesquisas”.

Para Cruz e Costa (2017) a reflexão contínua sobre a prática de formação permitirá ao profissional a crítica e o diálogo permanente, a qualificação profissional, a avaliação das competências e habilidades necessárias, bem como a possibilidade de ampliar o seu campo de trabalho.

Para Romanowski (2010 *apud* CRUZ; COSTA, 2017, p. 8), “reconhecer que a formação pode contribuir para a melhoria da educação significa compreender a importância da profissionalização dos professores”.

Na esteira desse pensamento, Perrenoud (2002, p. 189) afirma ser “a prática reflexiva e o envolvimento crítico” fatores preponderantes para a formação dos profissionais.

### **Empregabilidade**

- “Porque é uma área com grandes possibilidades de emprego”.
- “Porque pretendo ter a minha própria escola, a fim de fazer a diferença (nem que seja no meu mundo)”.
- “Porque gosto da área. Tenho interesse na gestão escolar. Além disso, tem mais oportunidade de emprego”.
- “Pelos diferentes possibilidades de trabalho”.
- “Porque possibilita um leque de opções. Essa área não é somente restrita a educação. E eu quero dar continuidade aos estudos, buscando mais”.
- “A pedagogia é um campo vasto, que apresenta diversas possibilidades”.

O inciso IV do art. 5º da Resolução CNE/CP nº 1 (BRASIL, 2006), estabelece que o egresso do Curso de Pedagogia poderá “trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo (...)”.

Sobre a questão a abrangência do “exercício profissional do pedagogo”, Libâneo (2001, p. 11) discorre que:

O *pedagogo* é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana previamente definidos em sua contextualização histórica.

Libâneo (2001, p. 16) afirma ser legítima a presença e participação de pedagogos em espaços não-escolares, na medida em que possuem formação/capacitação pedagógica “para atuarem nas mais diversas instituições e ambientes da comunidade: nos movimentos sociais, nos meios de comunicação de massa, nas empresas, nos hospitais, nos presídios, nos projetos culturais e nos programas comunitários de melhoria da qualidade de vida”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve como problema o como se constituem as representações sociais sobre o *ser pedagogo* na visão de estudantes em processo formativo, sobre o porquê da escolha da carreira profissional. Buscou-se conhecer as representações sociais do Ser Pedagogo, expectativas em relação a sua futura profissão. A partir da análise dos discursos dos estudantes a respeito de sua escolha profissional e desafios para a atuação, buscou-se desenvolver reflexões.

Nunes (1999, p. 34), considera que o discurso deve ser entendido como resultado de uma construção, cruzamento de múltiplas instâncias; produto de observações diversas e da relação com a formação social onde circula, e, para tanto, necessário se faz “encontrar uma metodologia que leve em conta a especificidade da relação entre o discurso que procuramos analisar e a formação social onde ele foi produzido e funcionará”.

As respostas coletadas por meio do questionário retrataram a percepção que os estudantes têm com relação as representações do por que *ser pedagogo*. Foram identificadas quatro categorias: realização pessoal e profissional, a transformação social, o aperfeiçoamento profissional e a empregabilidade.

Os resultados da análise fatorial de importância apresentaram duas categorias, a da realização pessoal e profissional (enquanto um sonho a ser realizado) e o do compromisso com a transformação social.

A representação social do *ser pedagogo* envolve uma profissão que por meio da relação com o outro pode-se “participar, contribuir para a vida de alguém, seja ela criança, jovem ou adulto”; pode-se melhorar a sociedade, atuar para possibilitar a transformação social, na medida em que se acredita “que a educação é um dos melhores caminhos para a construção de uma sociedade justa”. Os estudantes participantes da pesquisa percebem-se como sujeitos da ação, conscientes de sua função social. De acordo com Tardif *et al.* (1998) essa categoria se expressa por meio de um profissional, enquanto sujeito-ator social, portador de crenças e valores emancipadores diante da realidade social.

Essa pesquisa assinala para a demanda de estudos futuros que possam abordar questões como: a) em que se fundamentam na relação existente entre as expectativas dos estudantes sobre as suas escolhas profissionais e o seu impacto sobre a construção do projeto de vida deles; b) quais as perspectivas/desafios que a profissão estabelece; c) qual o nível de satisfação e insatisfação vivenciado no cotidiano profissional.

## REFERÊNCIAS

- BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e linguagem**: discursos e ciência. São Paulo: Moderna, 1998.
- BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 7. ed. 3. reimp. Florianópolis: Editora UFSC, 2010.
- BRANDÃO, Helena H. Nazamine. **Introdução à análise do discurso**. 7. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.
- BRASIL. **Resolução CNE nº 1**, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Diário Oficial da União, 15 de maio de 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf). Acesso em: 08 ago. 2018.
- CHANLAT, Jean-François. Por uma antropologia da condição humana nas organizações. In: TÔRRES, Ofélia de Lanna Sette. (org.). **O indivíduo a organização**: dimensões esquecidas. Tradução por Arakey Martins Rodrigues. et. Al. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- CRUZ, Evandro Costa; COSTA, Deuzeli Brandão da. A Importância da Formação Continuada e sua Relação com a Prática Docente. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do**

**Conhecimento.** Edição 08. Ano 02, Vol. 03. pp 42-58, Novembro de 2017. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/formacao-continuada>. Acesso em: 29 maio 2019.

DOTTA, Leanete Teresinha Thomas. **Representações sociais do ser professor.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

DUVEEN, Gerard. O poder das ideias. In: **Representações sociais: investigações em psicologia social.** 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** 27. ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 2003.

GUERRERO, Miguel Escobar. **Sonhos e utopias: ler Freire a partir da prática.** Brasília; Liber Livro Editora, 2010.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto; CALLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria Del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa.** Tradução Daisy Vaz de Moraes. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **Representações sociais.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

LIBANEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educ. rev.,** Curitiba, n. 17, p. 153-176, June 2001. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602001000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602001000100012&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 24 maio 2019.

MELO, Ana Virgínia C. de. **Mapas cognitivos e categorias temáticas como metodologias associadas de análise e organização de dados em pesquisa qualitativa.** Archeion Online, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 25-42, dez. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/archeion/article/view/32307>. Acesso em: 21 maio 2019.

NASCIMENTO, Ivany Pinto; RODRIGUES, Sônia Eli; ANJOS, Francisco Valdinei Santos. (org.) **As representações sociais de professores do ensino fundamental enlaçadas ao que realizam na escola.** 1. ed. Curitiba: Appris, 2017.

NEVES, Joana D'Arc Vasconcelos das; MORAES, Kleber. Ser professor no atual contexto histórico-social: desafios e superações. In: NASCIMENTO, Ivany Pinto; RODRIGUES, Sônia Eli; ANJOS, Francisco Valdinei Santos. (org.) **As representações sociais de professores do ensino fundamental enlaçadas ao que realizam na escola.** 1. ed. Curitiba: Appris, 2017.

NOGUEIRA, Sônia Martins de Almeida. Do ofício de ser professor: breves considerações sobre o desafio imediato da formação de professores. In: ARRUDA, Sérgio; NASCIMENTO, Giovane (orgs.). **Formação de professores: histórias, experiências e proposições.** Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia Editora, 2013.

NUNES, Gerado. O empresário seu discurso e a constituição: como se faz uma lei. **Cadernos de Comunicação**. Universidade de Santa Maria, n. 3. p. 9-153, jun. 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/10641/6462>. Acesso em: 23 out. 2018.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Tradução por Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.